

# CONEXÕES GEOGRÁFICAS: UM ENSAIO METODOLÓGICO

(Uma versão ainda preliminar)

*CONEXIONS GEOGRAPHIQUES: UN ESSAI*

*METHODOLOGIQUE (une version toujours préliminaire)*

*Maria Adélia A. de Souza*<sup>1</sup>

## RESUMO

Este ensaio é parte das reflexões teóricas para compreender a urbanização brasileira, a partir da revisão dos conceitos e teorias que tem fundamentado essa compreensão. É proposto um reexame dos conceitos de rede, hierarquia e sistema urbano. Faz uma breve reconstituição das teorias espaciais, identificando aquelas que mais influenciaram os estudos da urbanização brasileira.

Tentando ajustar a compreensão da urbanização brasileira de características deste período histórico denominado "técnico-científico", o artigo discute os conceitos acima e propõe a *conexão geográfica* como significado capaz de dar sentido à simultaneidade da temporalidade e espacialidade, atributo desse período histórico, onde os conceitos de rede, hierarquia e sistema urbano não mais se aplicariam. As *conexões geográficas* se dão entre pontos e escalas diferenciadas e lugares não contíguos que não configuram redes, hierarquias ou sistemas urbanos tal como foram utilizados até aqui.

---

1 Professora do Departamento de Geografia - FFLCH-USP

## RESUMÉ

Cet essai fait partie de réflexions théoriques pour comprendre l'urbanisation brésilienne à partir de la révision des concepts de réseau, hiérarchie et système urbain. Il fait une brève reconstitution des théories spatiales en identifiant celles que ont plus influencée les études sur l'urbanization brésilienne.

En essayant d'ajuster cette compréhension aux caractéristiques de cette période historique nommé "technico-scientifique", ce travail discute les concepts cidessus et propose celui des *conexions géographiques* dont le signification est capable de donner sense à la simultanéité (espace et temps), attribut de cette période où la notion de réseau, hiérarchie et système ne s'applique plus.

Les *conexions géographiques* s'établissent en échelles diferenciées et lieux non continus qui ne configurent plus des réseaux, hiérarchies ou système urbains, dans le cas où ils étaient appliqués jusqu'ici.

## 1. UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

A elaboração deste trabalho se deve a uma antiga indagação, de caráter teórico, a respeito das configurações do processo de urbanização brasileiro<sup>2</sup>.

No acompanhamento da bibliografia brasileira sobre os estudos de urbanização, chamam a atenção aqueles que se referem aos conceitos de rede, hierarquia e sistema urbanos.

Julgando pertinente uma análise crítica das teorias que fundamentam esses conceitos, bem como a reconstituição histórica da urbanização brasileira, esbocei este ensaio crítico, na perspectiva de contribuir para uma epistemologia da Geografia Brasileira.

---

2 Este interesse foi despertado quando da realização da pesquisa de campo de minha tese de doutoramento, nos municípios da região administrativa de Campinas, quando verifiquei que as teorias vigentes, especialmente àquelas vinculadas a Escola Francesa, não explicavam a nossa realidade.

Assim sendo, proponho-me aqui, a uma reflexão teórica sobre o entendimento desses conceitos, o tratamento dado a eles por diferentes autores e a explicação que possibilitam para a compreensão geográfica da urbanização brasileira.

Desde logo e para apurar o entendimento dos conceitos, é importante resgatar o seu significado etimológico:

Rede: entrelaçamento de fios, cordas, etc com aberturas regulares<sup>3</sup>, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido.

Hierarquia: elemento composto do grego "hierós" (sagrado, santo). No Novo Dicionário Aurélio, em sentido figurado, hierarquia significa série contínua de graus ou escalões em ordem crescente ou decrescente; escala.

Sistema: conjunto de elementos, materiais ou idéias, entre os quais se possa encontrar ou definir alguma relação.

A importância desse resgate prende-se ao fato de que se esses termos, na literatura geográfica, correspondem a uma representação do urbano ou da urbanização, no espaço geográfico.

## 2. ALGUNS FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS

Vejamos, a seguir, de que maneira a literatura geográfica vem utilizando os conceitos de rede, hierarquia e sistema urbanos. Cumpre, ainda que de maneira sintética, indicar as origens dessa temática junto às teorias relativas ao espaço, econômico, de Von Thuenen a François Perroux, passando por Weber, Predohl, Palander, Loesch, Isard e muitos outros, muito bem sistematiza-

---

3 O grifo é nosso.

dos por Claude Ponsard em sua excelente História das Teorias Econômicas Espaciais.

A teoria da centralidade de Christaller, mas sobretudo as proposições da Escola Francesa, a partir da década de 50, através da decisiva contribuição de Michel Rochefort, independentemente da produção realizada pela denominada Geografia Quantitativa (de nítida influência americana e anglo-saxônica), é quem vai influenciar decisivamente os trabalhos teóricos e empíricos brasileiros sobre o nosso processo de urbanização.

Rochefort (1957, p.125) propõe uma definição de rede urbana que irá influenciar o trabalho de muitos geógrafos brasileiros desde então e, muito especialmente aqueles do IBGE. Propõe o mestre francês: "Dans le cadre d'une région, l'activité de relations est donc assurée par toute une hiérarchie de villes en rapports de dépendance les unes envers les autres; de ce fait, on ne peut étudier une ville isolément, en tant que forme d'activité: l'unité devient le réseau urbain, défini, dans les limites régionales de l'influence de la grande ville capitale, par l'existence et Et la localisation d'un certain nombre de types de centre-relais, eux-mêmes hiérarchisés, qui constituent les mailles du réseau". Em seu artigo publicado no Brasil em 1965, Rochefort propõe o critério de raridade como sendo o fator base da noção de rede urbana. SOUZA (1975) trabalhará esse critério no estudo da rede urbana paulista. Trata-se de um conceito intimamente ligado à disponibilidade de serviços por parte dos centros urbanos, bem como sua diversidade, esta implicando no critério da raridade.

Essa definição proposta por Rochefort e aceita por muitos geógrafos brasileiros implica na aceitação de algumas propriedades dos serviços e não apenas dos lugares: a complementaridade e a singularidade (raridade). Pierre George (1964, p. 280) reforça essa visão. Já Kaiser vai um pouco além nessas discussões e propõe que "a estrutura geográfica da região polarizada é a rede ur-

bana". E será exatamente nesta dimensão, de critério de definição de região polarizada que o conceito de rede urbana será amplamente utilizado no Brasil, com algumas atualizações e modificações, até hoje. É o caso, por exemplo, de CORREA (1967 e 1989): da abordagem primeira, nitidamente vinculada às concepções de Rochefort, Correa, (1967, p.102), singularizando o conceito (Rede e não redes), vai propor em 1989 como sendo a rede urbana "uma dimensão sócio-espacial da sociedade" (Correa, 1989 p.8). A ambiguidade no uso do conceito no singular ou no plural, dificulta sua compreensão quando relacionada às "características sociais e econômicas do território"(idem, p.8).

Esta dimensão dada ao conceito de rede ou redes urbanas parece-nos extremamente mecanicista pois parece pressupor que os fenômenos espaciais passíveis de representação - como as redes - se disvinculam da noção de tempo, espaço e escala. Pressupõe uma concomitância e uma regularidade (pois o significado de rede o exige) inadmissível na formação sócio-espacial brasileira.

Essa a-temporalidade ou simplório formalismo histórico no estudo da urbanização brasileira, caso não seja revisto, tem impedido um avanço na sua compreensão teórica (metodológica).

### **3 A REDE URBANA BRASILEIRA - UMA ATUALIDADE QUE NÃO SE SUSTENTOU**

A evolução da terminologia dos estudos empíricos realizados para o Brasil é o elemento mais significativo das dificuldades que temos tido para elaborar sobre a Geografia Urbana do Brasil. Rede urbana, regiões funcionais, regiões polarizadas, sistema urbano etc, são propostas para o conhecimento da territorialidade da urbanização brasileira.

Em 1963, Pedro Pinchas Geiger publica sua importante Evolução da Rede Urbana Brasileira. Trabalho pioneiro onde o autor desenvolve sua compreensão sobre a urbanização a partir da hipótese de que "as transformações que ocorrem na estrutura urbana brasileira acompanham a substituição do sistema econômico colonial por um sistema da economia nacional" (p.61). No Entanto, mais uma vez a metodologia utilizada por Geiger (1963,p.134) será aquela de Rochefort. Propõe ele "a organização do território em redes urbanas" (idem,p.134). É interessante apontar que, em 1960 o Brasil reverte a sua curva populacional, no sentido de que, a partir daí, a população brasileira passa a ser predominantemente urbana. Data dos anos 60 uma dinamização de uma etapa nova na divisão internacional do trabalho que no Brasil implica na aceleração do processo de industrialização e internacionalização ou transnacionalização da economia. Assim sendo, se por um lado era imprescindível aprofundar o conhecimento desse processo novo de urbanização(é nesta perspectiva que surgem os trabalhos do IBGE), por outro lado as exigências do processo de planejamento urbano e regional, pressionavam e balizavam esse conhecimento, através de sua ideologia. É inegável que o espaço do planejamento urbano é ideológico, pois este é um segmento do processo político.

Assim, essa especificidade da urbanização e da nossa história implicou numa visão extremamente europeizada, bem como, não considerou algumas das características essenciais deste período da história, fundamentado no desenvolvimento técnico e científico.

De qualquer maneira, o que advogamos aqui é que tanto a configuração territorial da urbanização quanto a nossa história econômica e social não nos permite, hoje (e quiça outrora), assimilar o conceito de rede e hierarquia urbana.

#### 4. NÃO HÁ RENDA, NÃO HÁ REDE

A título de argumentação empírica exemplifico com pesquisa já referida realizada na região administrativa de Campinas, em 1974. É indiscutível as características extremamente diversificadas e a amplitude da urbanização naquela região, o que pressupunha, ao olhar menos exigente do pesquisador a existência de uma rede comandada por Campinas ou redes menores, uma delas comandada por Piracicaba, por exemplo, apesar das diferenças entre ambas.

Seguindo rigorosamente a metodologia proposta por Rochefort (1960), a pesquisa procurava explicitar o conceito de rede urbana (SOUZA, p.112 e seguintes), a partir da noção de relação que se estabelece entre cidade-campo, cidade-cidade, qualificada a partir do comportamento do trinômio consumo-renda-categoria sócio-profissional. O que buscava então era a mobilidade do consumidor de equipamentos e serviços urbanos, que seria maior ou menor em função da renda. Esse consumidor é, portanto, um elemento indutor das relações e, por conseguinte, um definidor de rede e hierarquia urbana ou de sistemas urbanos, como propõe alguns.

A região escolhida apresentava um processo de urbanização relativamente consolidado, (em termos de realidade paulista) de modo a permitir a verificação da hipótese formulada. Trata-se da segunda região em importância do Estado de São Paulo, imediatamente após a região metropolitana de São Paulo. Trata-se ainda de uma região representativa do ponto de vista sócio-econômico e diversificada face ao tamanho dos municípios. Dos 76 municípios que constituíam, na época, a região administrativa de Campinas, 67 foram considerados, pois foram excluídos aquelas da região de Bragança Paulista e Jundiaí, muito próximos e dependentes da região metropolitana de São Paulo. Os dois mapas aqui anexados posicionam a região pesquisada. A metodologia da pesquisa foi rigorosa e cientificamente definida (SOUZA, 1975,

p. 114-155). É importante, ainda ressaltar que 32% dos questionários foram aplicados na zona rural, 68% na zona urbana, 63% das pessoas eram mulheres e 37% homens. 41% das pessoas entrevistadas não tinham renda e 0,3% tinham renda mensal superior a Cr\$ 10.000,00 na época (US\$ 1.430)<sup>4</sup>.

Não é objetivo deste texto detalhar a pesquisa. Interessa apenas reexaminar e rediscutir seus resultados, face aos objetivos deste texto, qual seja o de rever os conceitos de rede, hierarquia e sistema urbanos, numa perspectiva de entendimento geográfico da urbanização brasileira.

A partir, portanto, da análise do consumo de equipamentos e serviços urbanos<sup>5</sup> (elemento básico definidor do conceito de rede e hierarquia), por categoria sócio-profissional e de renda verificou-se uma interessante vida de relações configurada pela mobilidade intra e inter-regional. A síntese dessa complexidade examinada pela pesquisa revelou que a organização regional da vida de relações (portanto a definição da rede e hierarquia urbanas, naquela perspectiva metodológica) pode ser feita através das seguintes proposições:

- a) a evasão dos consumidores tem um caráter multidimensional;
- b) dois tipos de organização da vida de relações coexistiam:
  - uma estrutura em rede<sup>6</sup> representada pela demanda de serviços raros, por determinadas categorias sócio-profissionais e classe de renda.

---

4 1 dollar = Cr\$ 7,00 (Janeiro 1975)

5 Foram estudados: atividade comercial (alimentos, tecido, roupas, sapatos, artigos de luxo, etc.) no atacado e no varejo; atividades culturais e educacionais (escolas de diferentes níveis, cinema, teatro, lazer em geral, etc.); atividades ligadas à saúde pública e privada (centros de saúde, hospitais, médicos e clínicas especializadas, etc.); a busca de empregos industriais.

6 Insisto, na perspectiva metodológica da tese, elaborada em 1975.

- uma estrutura em "graph" (unívoca), representada pela demanda de serviços banais, ou altamente especializados.

A prova é que os mais pequenos centros se constituem em centros de evasão e mantêm relações com centros imediatamente superiores e, de outro lado, os grandes centros polarizam centros de tamanho diverso. O primeiro caso se estabelece entre municípios vizinhos e o segundo de qualquer direção, para o polo regional.

No entanto, e esta é a questão que merece ser aprofundada aqui, nesta rediscussão, é a inferência da renda e do tipo de serviço demandado que determinam a orientação dessa estrutura espacial em rede ou em "graph" ou em outra estrutura qualquer.

Naquela perspectiva metodológica, Campinas era, indiscutivelmente o centro que estruturava a vida de relações no interior do Estado de São Paulo.

## 5. ALGUNS ENTRAVES DA METODOLOGIA

Quais as dificuldades apresentadas por essa metodologia, que ora colocamos em discussão:

1. a simplificação do entendimento de que um sistema urbano qualquer (o Estado de São Paulo ou o brasileiro) se define a partir da funcionalidade das redes urbanas<sup>7</sup>. O salto epistemológico dado entre os dois significados não está ainda suficientemente claro na literatura geográfica<sup>8</sup>. "Um sistema se define por um nóculo, uma periferia e a energia mediante a qual as características

7 Parece-nos, na perspectiva metodológica proposta pelos europeus, em especial os franceses, inaceitável a utilização do termo no singular.

8 Ver DAVIDOVICH (1978 p.52) e SOUZA (1975, p.260); IBGE - Grupo de Estudos de Regionalização (1976, p.103-106); FAISSOL (1970, p.89-90); MATZNETTER (1981, p.100); DUARTE (1981, p.480).

pioneiras elaboradas e localizadas no centro, conseguem projetar-se na periferia a qual será então modificada por elas" (SANTOS, 1978 p.57). As noções de sistema, rede e hierarquia, critérios de definição regional se confundem na literatura com a região polarizada região nodal e se confunde na teoria dos lugares centrais (mais rígida, mais geométrica, mais sistematizada teoricamente)<sup>9</sup>.

2. Tais noções reduzem a realidade a um esquematismo e a um formalismo que dificulta a apreensão de propriedades importantes, essências mesmo do espaço geográfico: a dinâmica ('rugosidades') a totalidade, a singularidade, a simultaneidade, entre outras. A interrelação implícita entre elementos geográficos de diferentes significados, ou seja a cidade ("a realização singular de um lugar concreto", como propõe Milton Santos), o urbano ("busca abstrata de um país abstrato") e região (dimensão ideológica dos lugares).

3. A identificação da rede urbana como uma materialidade do território onde a cidade e a infraestrutura se confundem como resultantes geográficas do processo histórico da divisão social e internacional do trabalho. É a visão mais aberta, dos não geógrafos. "Sendo o fato urbano uma decorrência direta do processo de urbanização, seu estudo deve tomar como ponto de partida a rede urbana, que é o conjunto das respostas às solicitações do processo. A significação dos núcleos ou de suas partes só pode ser compreendida quando referida ao contexto mais amplo, que é a rede". (REIS FILHO, 1968 p.78).

Como se vê, a questão é complexa e exige um esforço metodológico e uma compreensão da história capaz de ajustar no processo da realidade social, as categorias espaço/tempo.

---

9 Ver a esse respeito PROST, 1965 e PONSARD (sem data).

## 6. NAS CONEXÕES GEOGRÁFICAS - A HISTORICIDADE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Todas as reflexões críticas, expostas ainda que de maneira sumária neste texto nos levam a propor um novo conceito que julgamos mais apropriado para entender a complexidade do processo de produção e apropriação do espaço, neste período a história, balizado pelo desenvolvimento técnico-científico e, conseqüentemente novas apreensões das categorias espaço e tempo e suas determinações sobre a geografia. Não se trata de mais um conceito, mas da necessidade de propor uma compreensão da geografia face as transformações e dinâmica da projeção espacial da divisão social e internacional do trabalho, tentando resolver aqueles impasses metodológicos acima arrolados.

A base desta proposição reside, pois, numa leitura crítica da bibliografia consultada bem como a compreensão profunda e metodologicamente atualizada da urbanização brasileira. É, como propõe Milton Santos, entender o impacto da história contemporânea sobre a produção e apropriação do espaço geográfico.

A urbanização é sem dúvida alguma uma das manifestações materiais evidentes, no território, desse impacto. A este período da história que Milton Santos denomina de período técnico-científico, do qual resulta o meio técnico-científico, pois a reelaboração da natureza para fins produtivos supõe, permanentemente a incorporação da ciência e da técnica (tecnologia) ao território. Tais especificidades deste período vão implicar numa universalização do mundo, constatada nos fatos: a universalização da produção, a universalização das trocas e dos mercados, da mercadoria, dos preços, do dinheiro, das finanças, das dívidas, do trabalho, isto é, do mercado de trabalho e do trabalho improdutivo e uma universalização relacional das técnicas. Universalização das firmas e das economias, dos gastos, da alimentação, da cultura, do espa-

ço, da sociedade e do homem "ameaçado por uma alienação total" (Santos, 1988).

E, é nesta perspectiva que novos instrumentos metodológicos da análise e interpretação da urbanização, carecem ser criados. Os velhos instrumentais necessitam ser revisados.

A natureza e as características deste período histórico, implicam na definição de conexões<sup>10</sup> geográficas (territoriais), portanto, também urbanas.

Tais conexões geográficas realizam a universalização (totalidade) em tempos e espaços diferenciados do território (singularidade e simultaneidade). Fala-se em conexões, pois as relações que se estabelecem entre urbanizações e sistemas produtivos se conectam em espaços geográficos, os mais distintos e variados, na escala do planeta.

Hoje, mais do que nunca o conceito de rede (entrelaçamento com aberturas regulares) ou sistema, não se aplicam face as desigualdades nas relações qualitativa e quantitativamente falando, que se estabelecem entre sistemas de produção. Neste período técnico e científico há uma nova divisão do trabalho que, face ao desenvolvimento (automação e informatização) conhece um processo de inversão. Há novas tarefas, novas sequências e especializações que, segundo alguns autores se realizam com a expansão do mercado. Esta expansão, que é também geográfica implica numa nova divisão do trabalho: especialização de funções, aumento de produtividade, controle do processo de trabalho e, o que é importante também para a compreensão da urbanização, a reposição do trabalhador nesse processo. Aqui, uma dimensão fundamental e que diz respeito ao tema em questão, é aquele do cotidiano.

---

10 Conexão - ligação, nexó, relação (CUNHA, 1982).

Indiscutivelmente o cotidiano caracteriza a conexão geográfica. Estes implicarão nas geografias que materializam estes tempos. São os atributos essenciais da dinâmica dessa nova realidade, produto da aceleração espaço/tempo. Não é objeto deste texto, ainda, desenvolver a dimensão do cotidiano.

Resta ainda fazer uma referência, ainda que rápida a uma outra categoria, cujo entendimento também se constitui num dos fundamentos desta reflexão: aquele de formação sócio-espacial proposto por Santos (1974 p.93).

"O que propomos como objeto dessa geografia renovada é o estudo das sociedades humanas em sua obra permanente de reconstrução do espaço herdado das gerações precedentes, através das diversas instâncias da produção.

Essa geografia renovada (espaciologia?) ocupar-se-ia do espaço humano transformado pelo movimento paralelo e interdependente de uma história feita em diferentes níveis - internacional, nacional, local. As noções de totalidade e de estrutura de universal e de particular, deverão ser unificadas em um mesmo movimento conjunto no qual a sociedade seria reconhecida em seu diálogo com a natureza transformada, não apenas como agente transformador, mas também como um dos seus resultados: ... Ora, um concerto totalizante como o de formação sócio-espacial parece o mais adequado a uma tarefa dessa natureza". (SANTOS, 1978, p.195).

A essa unificação a que se refere Milton Santos que implica em geografias específicas, que no processo da história identifica os lugares e suas dimensões escalares (as regiões), é o que aqui denominamos conexão geográfica. Ela se dá em cada lugar, em todos os lugares, em cada tempo, nos diversos tempos, impossibilitando esquematizações geográficas perenes (as redes e sistemas). As conexões geográficas são conexões de lugares do espaço, totais, singulares. Atributos do espaço, neste período da história.

**BIBLIOGRAFIA**

- CORREA, Roberto Lobato - Os estudos de redes urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, 29(4):93-116, out/dez., 1967. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_ *A rede urbana*. Série Princípios. São Paulo. Ática, 1989.
- CUNHA, Antonio Geraldo da - *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. São Paulo. Editora Nova Fronteira, 1982.
- DAVIDOVICH, Fany - Escalas de urbanização: uma perspectiva geográfica do sistema urbano brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia* 40(1): 51-82, jan/mar. Rio de Janeiro, 1978.
- DUARTE, Haidine da S. Barros - Estrutura urbana do Estado do Rio de Janeiro - uma análise no tempo. *Revista Brasileira de Geografia* 43(4): 477-560, out/dez. Rio de Janeiro, 1981.
- FAISSOL, Speridião - As grandes cidades brasileiras - Dimensões básicas de diferenciação e relações com o desenvolvimento econômico. Um estudo de análise fatorial. *Revista Brasileira de Geografia*, 32(4): 87-130, out/dez. Rio de Janeiro, 1970.
- GEIGER, Pedro Pinchas - *Evolução da rede urbana brasileira*. Col. O Brasil Urbano 1. CBPE/INEP/MEC. Rio de Janeiro, 1963.
- GEORGE, Pierre - *Précis de Géographie Urbaine*. PUF. Paris, 1964.
- IBGE - Grupo de Estudos de Regionalização Proposição Metodológica para revisão da divisão regional do Brasil em regiões funcionais urbanas. *Revista Brasileira de Geografia*, 38(2): 100-129 abr/jun. Rio de Janeiro, 1976.
- MATZNETTER, Josef - O sistema urbano do Norte e Nordeste do Brasil e a influência das novas estradas. *Revista Brasileira de Geografia*, 43(1): 99-122, jan/mar. Rio de Janeiro, 1981.
- PONSARD, Claude - *Histoire des Theories Economiques Spatiales*. Paris. Librairie Armand Colin (sem data).
- PROST, Marie Andrée - *La hierarchie des villes en fonction de leurs activités de commerce et service*. Paris-Gauthier - Villars, Ed, 1965.

REIS FILHO, Nestor Goulart - **Evolução urbana do Brasil. Biblioteca Pioneira de Arte, Arquitetura e Urbanismo.** São Paulo. Livraria Pioneira Editora / EDUSP, 1968.

ROCHEFORT, Michel - "Méthodes d'étude des reseaux urbains", Intérêt de l'analyse du secteur tertiaire de la population active. **Annales de Géographie**, ano LXVI, n° 354, mar/abr (p.125-143). Paris, 1957.

\_\_\_ L'armature urbaine et le reseau urbain. Notions et problèmes méthodologiques d'analyse. **Revista Geográfica** Tomo XXXV, n° 63, (p. 33-50). Rio de Janeiro, 1965.

\_\_\_ L'organisation urbaine de l'Alsace. **Publications de la Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg.** Fascicule 139. Société d'Édition: Les Belles Lettres, 1960.

SANTOS, Milton - **Metamorfoses de espaço habitado.** Hucitec. São Paulo, 1988.

\_\_\_ **Por uma Geografia Nova.** Hucitec. São Paulo, 1978.

\_\_\_ Sociedade e espaço: a Formação Social como Teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia** 54 (81:99), junho. São Paulo, 1977.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de - São Paulo. Ville/Region - **Propositions Methodologiques.** Tese de Doutorado. (inédita) Universidade de Paris, Paris, 1975, 432p.

\_\_\_ **Governo urbano.** São Paulo. Nobel, 1988.

